

<http://dx.doi.org/10.12795/RAA.2016.10.13>

**MUSTAFAH DHADA (2015). *The 1972 Wiriyamu Massacre Of Mozambique*. Londres: Bloomsbury Academic Press, 256 pp.**

**Margarida Gomes**

**CES – FEUC, Universidade de Coimbra**

Na manhã de 16 de Dezembro de 1972, tropas coloniais portuguesas reuniram os habitantes da pequena aldeia de Wiriyamu, perto de Tete em Moçambique, na praça central e ordenaram que batessem palmas cantando “Adeus”. Em seguida com a invectiva de “matem-nos todos” abriram fogo e lançaram granadas. No final do dia, cerca de quatrocentos corpos de homens, mulheres e crianças jaziam sem vida. Os poucos que conseguiram escapar relataram os acontecimentos aos missionários locais que por sua vez transmitiram a informação para o exterior. Cerca de meio ano mais tarde, a 10 de Julho de 1973, em vésperas da chegada de Marcello Caetano, chefe do governo de Portugal, a Londres para uma visita oficial, o jornal diário inglês *The Times* denuncia na primeira página o massacre de Wiriyamu. A reação das autoridades portuguesas seria o completo repúdio dos factos, chegando mesmo a negar a própria existência do lugar.

Seria por via deste artigo no *The Times* que Mustafah Dhada, então um jovem estudante moçambicano em Londres, que havia abandonado o seu país por força dos ditames jurídicos coloniais que o haviam classificado como “não assimilado” limitando deste modo o seu acesso ao ensino, tomaria contacto com os acontecimentos que marcariam toda a sua vida académica e mesmo pessoal.

Natural de Búzi, uma pequena aldeia que muito teria em comum com Wiriyamu, sentiu de imediato o peso da responsabilidade urgente de conhecer e divulgar na primeira pessoa, os factos que rodeiam o massacre. Ao longo da sua carreira Mustafah Dhada foi publicando diversos artigos sobre o assunto até conseguir a bolsa que viabilizava o trabalho no terreno e permitia por fim consolidar uma investigação de décadas. O resultado é o livro que agora apresento.

As palavras iniciais são da autoria do mesmo jornalista inglês que escreveu o artigo no *The Times*. Passados mais de quarenta anos, Peter Pringle chama a atenção para o desconhecimento que continua a rodear a verdade dos acontecimentos ilustrado com o facto de Wiriamu não figurar sequer na lista de massacres da Wikipédia.

Ao longo dos cerca de dez capítulos que constituem o livro, Mustafah Dhada, devolve a humanidade a Wiriamu traçando de forma íntima e exemplar o retrato da vida quotidiana dos seus habitantes. Mais que uma mera autópsia de um acontecimento com quase meio século traz de volta à vida a singularidade da riqueza das vidas que se perderam, mas também de todas as que ficaram para contar uma história que a história teima em esquecer. Consegue-o recorrendo à história oral, aos relatos, descrições, estórias e quase lendas que a passagem do tempo não apagou das mentes dos intervenientes de ambos os lados. De facto, as suas fontes históricas incluem não só sobreviventes, mas também um dos protagonistas das tropas portuguesas, o ex-alferes Antonino Melo, que por um acaso infeliz substituiu o verdadeiro comandante da 6ª Companhia de Comandos, que estava doente, acabando por ficar como rosto de uma operação que envolveu também a policia política portuguesa - PIDE/DGS, o Batalhão de Caçadores 17 e a Força Aérea Portuguesa.

O propósito maior desta obra, nas palavras do seu autor é dar “uma oportunidade” para “o povo português” saber o que aconteceu e para o Estado português reconhecer publicamente o que se passou. Até hoje, o governo português não admitiu publicamente o massacre, apesar dos governos alemão, belga e francês terem já apresentado desculpas públicas pelos massacres ocorridos sob o seu domínio.

Este livro pretende enriquecer o debate acerca das histórias e memórias de uma Guerra Colonial cujas marcas continuam presentes no seio das sociedades envolvidas não apenas neste prolongado conflito armado, mas numa ainda mais prolongada relação colonial intrinsecamente violenta. Hoje, mais do que nunca, é fundamental valorizar epistemologias subalternizadas como as experiências dos que sobreviveram ao massacre de Wiriamu, e sobretudo, reconhecer publicamente que Wiriamu aconteceu. Só mantendo viva esta memória e encarando o passado com sentido de responsabilidade histórica podemos educar as gerações vindouras no sentido de que acontecimentos como o massacre de Wiriamu não podem voltar a acontecer.